

## Arte e educação – na confluência das áreas, a formação do psicólogo escolar

*Silvia Maria Cintra da Silva\**

Resumo: Este trabalho aborda algumas reflexões sobre minha prática como supervisora de estágio profissionalizante em psicologia escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Uberlândia (MG). Foram organizados grupos — um deles composto por crianças com dificuldades de aprendizagem; um outro formado por professoras e um terceiro por mães todos eles coordenados por quatro estagiários de psicologia — que desenvolveram atividades com música, literatura e artes visuais. Registros em vídeo e em áudio permitiram uma análise minuciosa, com um enfoque microgenético de falas, gestos e ações de todos os envolvidos no processo. Houve um progressivo interesse e entusiasmo dos estagiários pelo material utilizado no trabalho, constituído por livros de história, CDs e reproduções de obras de arte. Também foram constatadas mudanças nos participantes dos grupos realizados no espaço escolar. A arte pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional do futuro psicólogo, fornecendo elementos que ampliem a compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Palavras-chave: Psicologia escolar, arte, educação, estágio supervisionado.

Abstract: This thesis aims at reflecting on my own practice as a supervisor of professional apprenticeship in School Psychology. The research was carried out at a public school in Uberlândia (MG). Different groups were organized with children with learning difficulties, one of them with teachers, and the other one with mothers. They were coordinated by four psychology trainees whose work was based on music, literature and visual arts activities. Data collected were registered in video and audio forms. These registers allowed a meticulous analysis which focused microgenetically on talks, gestures and actions of everyone involved in the process. The trainees became gradually interested and enthusiastic about the material used, including history books, CDs and reproductions of art works. Changes were also verified in the participants of the groups conducted at school. Art can contribute to the future of personal/professional development of psychologists, providing them with elements that can broaden their understanding of themselves and the world.

Key words: School psychology, art, education, supervised professional apprenticeship.

A proposta inicial desta pesquisa surgiu de um projeto de extensão universitária do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, vinculado a um

\* Professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal da Uberlândia (UFU) – MG. [sivia@ufu.br](mailto:sivia@ufu.br).

estágio profissionalizante em psicologia escolar, em 1995. Esse projeto foi criado em função da expressiva demanda das escolas da rede pública de ensino de Uberlândia, encaminhada ao Núcleo Integrado de Psicologia (NIPSI), a clínica-escola, para atendimento de problemas escolares. Tendo como referência leituras relacionadas à teoria histórico-cultural, o trabalho foi batizado de Grupos de Desenvolvimento e Aprendizagem (G.D.A.), organizado para atender crianças de baixo nível socioeconômico, com idade entre 7 e 12 anos e com histórico de insucesso escolar. A proposta baseou-se em atividades que procuravam incidir sobre aspectos cognitivos e afetivos, buscando a promoção do desenvolvimento infantil através de experiências de aprendizagem. Nos anos seguintes, buscou-se envolver também as professoras das crianças, através de orientações esporádicas, realizadas nas próprias escolas, e os pais, por acreditarmos ser fundamental inserir os no processo de compreensão do fracasso escolar.

Ao pensar sobre meu projeto de pesquisa para o doutorado, veio-me a idéia de realizar uma investigação mais aprofundada a respeito desse modelo de atuação em psicologia escolar. A escolha de minha pesquisa também está relacionada ao meu grande interesse pela arte e à minha percepção de mudanças provocadas por leituras, visitas a museus, audição de músicas. O contato com a obra de arte aproxima as pessoas das características constituintes da condição humana, como alegria, medo, tristeza, angústia, saudade, esperança. E também não são estas características o material de trabalho do psicólogo? A esse profissional interessa tudo aquilo que diz respeito aos seres humanos. Outro aspecto a ser considerado é o convite que a obra de arte faz ao fruidor para que ela possa existir. O envolvimento do sujeito e a exigência de que ele entre com sua história de vida, pensamentos, percepções, sentimentos, valores, etc, possibilitam um avanço nesses mesmos quesitos.

Escritores e poetas têm discutido a condição humana com tal profundidade que suas obras mereceriam leitura atenta por parte de psicólogos e estudantes de psicologia. Bachelard (1988, p.120) ratifica minha posição: “Existe um sentido, acreditamos, em falar de análise poética do homem. Os psicólogos não sabem tudo. Os poetas trazem outras luzes a respeito do homem.”

A fruição da obra de arte exige a participação ativa do público. Bronowski (1983) nos diz que o artista fornece referências de maneira a despertar o nosso interesse e afetar nossos sentimentos, mas a pintura ou o quadro só existe se entrarmos nele e o preenchermos. Esse envolvimento é irreversível: somos capturados pela obra e dela capturamos algo, de acordo com nossas possibilidades, limites, preferências.

Como Albano (2000, p.3) escreve, “É imprescindível que compreendamos que a arte pode nos levar para espaços dentro de nós mesmos a que não teríamos acesso de outra maneira.”

A teoria histórico-cultural atribui importância fundamental às interações sociais na formação do psiquismo humano. O desenvolvimento é concebido como o movimento de apropriação de formas culturais mais elaboradas de atividade, sendo que o funcionamento psicológico só pode ser entendido em suas dimensões individual e social. Segundo Vygotsky (1988), os signos criados pela humanidade (como a linguagem, o desenho, os sistemas numéricos, etc.) dialeticamente apresentam a capacidade de transformar o funcionamento mental, configurando as funções psicológicas superiores (memória, atenção, percepção e outras) e também promovendo alterações qualitativas nas mesmas. Essas funções encontram terreno fértil para seu desenvolvimento no contato com as obras de arte. Acredito que, como afirma o citado autor (2001), a vivência estética marca indelevelmente o comportamento humano.

Músicas, livros, pinturas e outras formas de arte são constituídas pela linguagem, mesmo que o artista inicialmente não esteja consciente disso ao criar. Ao adquirir forma, a obra de arte exige a participação da consciência do fruidor. Quando o espectador ouve uma música, por exemplo, toda a atividade mental necessária à apreensão, audição e apreciação tem como suporte o signo. Assumindo como pressuposto que a natureza da atividade mental é “social/semiótica” (SMOLKA, 1997, p. 29), o contato com a obra de arte repercute dialeticamente nos processos mentais envolvidos na fruição, provocando uma expansão nas funções psicológicas, como a percepção, a atenção e a memória.

As primeiras perguntas desencadeadoras e norteadoras da pesquisa pretendiam investigar se um trabalho de psicologia escolar, baseado em atividades com música, literatura e artes visuais, poderia colaborar para o desenvolvimento de crianças que fracassaram em seu processo de escolarização, bem como atingir também as professoras, os pais e as mães das crianças, apostando na efetiva inserção destes no processo de desenvolvimento infantil. Por outro lado, seria possível incentivar o interesse por músicas, histórias, reproduções de obras de arte e, ao mesmo tempo, proporcionar reflexões sobre a própria vida, no sentido de promover mudanças que possibilitassem uma ruptura na situação vivenciada pelas crianças na escola, abarcando todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem?

O objetivo do trabalho seria auxiliar as crianças a reverter a situação de fracasso escolar, buscando parcerias com os pais das crianças e especialmente com as professoras, as quais poderiam romper os discursos e as práticas preconceituosas e marginalizantes. Outro objetivo seria também mostrar que a história dessas crianças, pais, mães e docentes poderia seguir um outro caminho, mais emancipatório.

No decorrer da pesquisa, diante do intenso envolvimento dos estagiários (participantes do trabalho desenvolvido na escola) com o material relacionado à música, artes visuais e literatura, surgiu uma outra nova questão, que se tornou a principal e redirecionou a investigação:

- A arte pode contribuir para a formação do psicólogo escolar?

O próprio pesquisar conduziu-me por um caminho que não havia sido planejado. Acredito que esse movimento é característico do processo investigativo, em que os dados nos revelam espaços outros, prenhes de questionamentos.

Com esta importante pergunta, a pesquisa fundamentou-se a partir do eixo configurado pelas contribuições da arte para a formação do psicólogo escolar.

### Investigando a própria prática

Pesquisando uma parte de minha prática acadêmica, a supervisão de estágio profissionalizante em psicologia escolar, deparei-me com diversos aspectos que constituem essa prática, gerando repercussões que ainda hoje ecoam em meus pensamentos e ações.

Metodologicamente, o estudo de caso foi a opção escolhida, configurada a partir da construção dos dados, porque visa apreender o processo focalizado na pesquisa de maneira contextualizada. O que está em jogo é a busca de compreensão sobre o caso apresentado (RABITTI, 1999). Isto significa que o trabalho deve ir além da descrição e, através de um procedimento de análise, *ultrapassar* a mera apresentação de informações. Para o entendimento da situação pesquisada, é preciso um aprofundamento das reflexões geradas pela investigação. A despeito de uma suposta atipicidade dos estudos de caso, existe sempre a possibilidade de o leitor, instigado pela leitura, fazer generalizações a partir de suas experiências e vivências, por meio de semelhanças e diferenças constatadas no texto (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O caso estudado delineou-se tendo por base as características de um estágio supervisionado em psicologia escolar, abrangendo o tempo, com a duração de um ano letivo, os participantes envolvidos – supervisora, estagiários, crianças, professores, pais, direção e outros funcionários da escola selecionada – e os locais de realização do estágio – a própria instituição escolar e as dependências da universidade onde aconteceram as supervisões.

As características acima citadas, referentes à população e ao local, são comuns à maioria dos estágios em psicologia escolar, mas o estágio aqui descrito apresentou um caráter diferenciado, pois, por tratar-se de uma pesquisa, a ele foram incorporados novos elementos em todo o processo de seu desenvolvimento, da concepção à realização e avaliação. Esses elementos serão apresentados durante o relato do trabalho.

Penso que ser pesquisador em seu próprio contexto pode auxiliar o profissional a desenvolver uma maior compreensão a respeito de seu trabalho e de sua atuação. Ao olhar para si de outra perspectiva e ao focalizar-se sob o ponto de vista de seus interlocutores, o pesquisador pode destacar elementos não pensados e/ou vistos,

elementos estes que, muitas vezes, pedem mais alimento-teoria para a prática e vice-versa. Alguns autores (GERALDI et al., 1998; GÓMEZ, 1997; SCHÖN, 1997; 2000; ZEICHNER, 1998) defendem, na formação do docente reflexivo, a pesquisa sobre o fazer cotidiano. Creio que esse raciocínio vale também para outros profissionais, como os psicólogos.

## Caracterizando o estudo – o cenário e os atores

Em fevereiro de 1999, organizei um plano de estágio em psicologia escolar que previa a seleção de quatro estudantes de psicologia para participarem do trabalho na escola<sup>1</sup>. Elaborei um roteiro com oito questões, que me permitissem conhecer os candidatos à seleção a partir dos seguintes aspectos: os motivos pelos quais o aluno gostaria de participar do estágio; experiência anterior em trabalhos com crianças, pais e/ou professores; concepções sobre o fracasso escolar; interesse por cinema, literatura, música, poesia, exposições de arte e possibilidades de relacionar arte, desenvolvimento e aprendizagem. Nas perguntas referentes a atividades culturais, o objetivo era investigar o contato e a busca do discente, por conta própria, por atividades além daquelas – pouquíssimas – indicadas nas disciplinas do curso de Psicologia. Outro critério utilizado para a seleção dos estagiários foi o desempenho geral nas disciplinas Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem (PEPA) I e II, consideradas pré-requisitos para o estágio. Os escolhidos foram os alunos Ana, Lara, Beatriz e Pedro<sup>2</sup>.

O contato inicial com a instituição enfocada nesta pesquisa aconteceu em meados de fevereiro de 1999. Trata-se de uma escola estadual, de Ensino Fundamental, localizada em um bairro próximo ao centro da cidade. Na escola, havia duas turmas de Educação infantil e uma de 1ª série; as turmas de 2ª a 4ª séries, que dizem respeito a esta pesquisa, somavam 278 alunos e quinze professoras, divididas em dois turnos diurnos.

O estágio foi organizado da seguinte forma: as estagiárias Ana e Beatriz ficaram responsáveis pelo planejamento e coordenação dos encontros com as crianças (foram organizados dois grupos, em dias e períodos diferentes); os encontros com as professoras ficaram a cargo de Pedro; e Lara foi a estagiária incumbida das mães.

Os encontros, de caráter optativo, foram organizados em função das necessidades e dificuldades levantadas a partir das citadas observações e entrevistas. Ao longo do ano, o próprio desenvolvimento dos grupos forneceu elementos para a

1. O estágio supervisionado é requisito obrigatório para a obtenção de diploma de psicólogo, regulamentado pelo Parecer n. 403/62, de 19/12/1962, do Conselho Federal de Educação, hoje Conselho Nacional de Educação.

2. Os nomes são fictícios.

continuidade do trabalho. De forma geral, buscou-se — por meio dos materiais<sup>3</sup>, técnicas e atividades utilizadas — propiciar desafios cognitivos e estéticos que favorecessem aos participantes reflexões a respeito de si, do outro e do cotidiano escolar. Cada grupo apresentou suas especificidades, que foram abordadas de acordo com as necessidades, tendo-se em vista os objetivos mais amplos do trabalho, e de acordo também com as características pessoais e profissionais dos estagiários que coordenaram os encontros, que se configuraram como espaços privilegiados de escuta, de interlocução e de possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

Ao ouvir as dificuldades, anseios, desejos e necessidades dessas pessoas, foi possível aos estagiários estabelecer um diálogo construído pelas vivências e experiências pessoais, entremeado por atividades com música, literatura e artes visuais e respaldado por pressupostos teóricos que forneceram um imprescindível suporte ao trabalho.

As oito crianças participantes da pesquisa foram selecionadas por meio de uma avaliação qualitativa, organizada a partir da experiência das docentes envolvidas no G. D. A. e de literatura disponível, em função da lista elaborada pela diretora. Buscou-se analisar a criança dentro do contexto em que estava inserida e onde a queixa aparecia, entendendo-se que as condições concretas de vida da criança, presentes e passadas, determinam o seu psiquismo. Assim, procurou-se conhecê-la em suas relações no contexto escolar, na família e em situações propostas pelos estagiários no decorrer do processo avaliativo (RIBEIRO et al., 1998). A avaliação consistiu de observações dos meninos e meninas em sala de aula; de entrevistas com professoras, pais ou responsáveis; de atividades com as crianças, envolvendo leitura, escrita, desenho e um jogo de raciocínio lógico-matemático; e entrevistas devolutivas.

### ○ registro de falas e gestos — construindo os dados da pesquisa

No delineamento deste estudo, foram utilizadas gravações em áudio das supervisões e videograções dos encontros com as crianças e, na medida do possível, algumas audiograções de entrevistas com professoras, mães e pais.

Na construção dos dados desta pesquisa também foram escritos diários de campo por mim e pelos estagiários, considerados igualmente pesquisadores. A redação dos diários de campo envolveu percepções, sentimentos e pensamentos acerca do estágio, da escola e das supervisões.

Outro elemento recolhido para análise foi o relatório final de estágio — constituído de uma introdução teórica sobre o trabalho desenvolvido pelo estagiário,

3. Livros de histórias, CDs e reproduções de obras de arte.

objetivos, relato do processo e uma avaliação final tanto do estágio como um todo quanto da supervisão —, que é uma exigência do curso de Psicologia da UFU.

Durante o ano de 1999, assisti às fitas dos encontros com as crianças como auxílio para a supervisão e, paralelamente, iniciei uma pré-transcrição das mesmas, anotando alguns comportamentos, gestos e falas das crianças e das estagiárias e, ainda, observações sobre a filmagem em si (foco, iluminação, audibilidade, etc.).

A análise dos dados privilegiou o enfoque microgenético, que procura abordar minuciosamente “transições e mudanças qualitativas da ação do sujeito, referentes às mediações sociais/semióticas aí implicadas” (SILVA, 1998, p.209). Nessa abordagem, foram analisados os trabalhos com todos os envolvidos no estágio. Segundo Wertsch (1988), Vygotsky diferenciou dois níveis de microgênese. O primeiro refere-se à formação de um determinado processo a curto prazo, como por exemplo durante a execução de uma tarefa; no segundo, o enfoque recai sobre a elaboração de uma ação ou atividade, geralmente ocorrida em um curtíssimo espaço de tempo (fragmentos de segundo). Considerando tais enfoques, importa analisar não apenas as mudanças acontecidas nos indivíduos participantes da pesquisa, mas a qualidade das mediações implicadas nessas mudanças.

A partir da audição das fitas das supervisões (e transcrição de algumas delas), da leitura do material escrito pelos estagiários e das videograções com as crianças, foram analisadas falas (bem como pausas, risos, choro, entonação), gestos, ações, olhares e palavras, tendo em vista a apreensão dos sentidos configurados no trabalho realizado na escola e nas supervisões, bem como a constatação de modificações geradas na pesquisa.

Por meio da análise microgenética, o psicólogo tem a possibilidade de compreender o sujeito, considerando sempre as condições concretas de vida do indivíduo, inserido em um determinado momento histórico. Simultaneamente, também tem oportunidade de olhar para as relações e para os processos de mediação, constituintes do sujeito, que se estabelecem nos encontros e confrontos interpessoais.

## ○ estágio supervisionado e a formação em psicologia escolar

Nas supervisões, atividades como discussões teóricas, relatos e planejamento dos trabalhos realizados na escola foram a tônica. Nas primeiras supervisões, procurei levantar as expectativas dos estagiários em relação ao trabalho que seria desenvolvido. Eles revelaram que esperavam aprender muito, especialmente no que se referia à atuação em psicologia escolar, conhecida apenas em teoria. Mostraram-se bastante otimistas e empolgados com a perspectiva da prática na escola e também explicitaram receio em relação ao trabalho, temerosos de que ninguém comparecesse aos encontros que estavam sendo organizados.

Inicialmente, apresentei-lhes brevemente as linhas gerais do trabalho e de minha pesquisa, meu estilo de supervisão, livros e textos que seriam fundamentais para o trabalho na escola e coloquei-me à disposição para contatos individuais, caso fossem necessários. Procurei discutir com eles o que gostaria que fizessem no estágio que seria realizado na escola: apreciar reproduções de obras de artes, livros e músicas; ouvir e contar histórias e poemas; pensar sobre o que viam e ouviam. A partir das reflexões desencadeadas por esse material, buscariam maneiras de selecionar e organizar atividades para os encontros com as crianças, as professoras e as mães.

Para que pudessem organizar as atividades e a condução do trabalho, foi necessário, primeiro, terem clareza quanto aos seus objetivos e conhecerem previamente as crianças, as mães, os pais e as professoras, bem como a dinâmica de funcionamento da escola.

O estágio baseou-se em uma visão prospectiva do desenvolvimento humano, pois, ao trabalharmos com atividades que não faziam parte do cotidiano daquelas pessoas, buscamos desafiar-las cognitivamente, afetiva e esteticamente. Algumas atividades eram totalmente inéditas para elas e consideramos o que poderiam aprender e desenvolver para além das condições atuais. Não se trabalhou com conquistas consolidadas (OLIVEIRA, 1995), o que geralmente ocorre no cotidiano escolar. O foco principal foram as mudanças que as tarefas envolvendo artes visuais, música e literatura poderiam provocar. Outro ponto abordado no estágio foi o auxílio às professoras e à direção para lidar com as próprias expectativas e com a provável frustração decorrente daquelas não atendidas, porque não iríamos resolver todos os problemas da instituição.

Pedro escreveu pequenos textos e poemas referentes ao que estava vivenciando no estágio, chegando a utilizar alguns deles nos encontros com as professoras. Ana brincou com lápis, tintas, papéis, livros e músicas, ao preparar as atividades que seriam desenvolvidas no grupo. Motivada pelo contato com reproduções de artistas que até então desconhecia, realizou desenhos e colagens em seu caderno de supervisão (ou diário de bordo, como ela o batizou), elaborando uma espécie de relato gráfico. Isto mostra, além de seu entusiasmo e envolvimento no trabalho, que também foi afetada por ele.

Os livros de histórias e de poemas, os CDs e as reproduções de obras de arte foram utilizados nos três grupos coordenados pelos estagiários – o das crianças, o das mães e o das professoras – e também nas supervisões. A escolha desse material foi guiada por minhas experiências e preferências pessoais, mas eles ficaram à vontade para utilizar outros textos, poemas, músicas e reproduções de que gostassem. Outros aspectos considerados, na seleção do material, foram a facilidade de acesso e a viabilidade de aquisição pela escola, após o término do estágio, se houvesse interesse.

Propus algumas atividades de pintura, recorte, colagem e desenho aos próprios estagiários, para que eles pudessem, nesse fazer, experimentar cores, texturas,



técnicas e também pensar sobre as atividades e o impacto destas junto aos grupos de trabalho na escola.

A exploração do material feita por Ana, Lara, Pedro e Beatriz foi fundamental para um maior conhecimento a respeito do mesmo e para a posterior seleção para utilização no estágio. Era preciso apresentar o material de forma que os estagiários pudessem observá-lo, tocá-lo e senti-lo, trazendo-o para a própria vida. Apenas um mergulho nos livros, reproduções de obras de artes e nas músicas possibilitaria um contato efetivo, que provocasse o impacto necessário para dar sentido ao trabalho que seria desenvolvido por eles.

O envolvimento dos estagiários com as reproduções de obras de arte, CDs e livros de histórias, material trabalhado no estágio e nas supervisões, acabou conduzindo esta pesquisa para um caminho que não havia sido originalmente pensado. Ao longo do ano, houve um contínuo interesse e entusiasmo por todo o material que estava sendo empregado, como um enamoramento. Eu não havia previsto o arrebatamento que esse material poderia provocar em Ana, Beatriz, Lara e Pedro, nem as mudanças desencadeadas nos estagiários por esse contato. Isto foi imprescindível para que, na interlocução com as crianças, pais e professores, o emprego de música, literatura e artes visuais não soasse de maneira artificial, mas como algo que efetivamente fizesse sentido.

O progressivo e contínuo contato com o material acima citado gerou reflexões baseadas em envolvimento anteriores com o mundo da arte. Os estagiários recordaram-se de experiências vividas na infância, em aulas de Educação Artística e oficinas organizadas nas escolas em que estudaram e que os marcaram profundamente. Lembraram-se também de que, antes de entrar na faculdade, ouviam músicas e liam poemas com mais frequência, o que foi deixando de ocorrer ao longo do curso.

Começaram a levar para a supervisão livros, recortes de jornal e notícias de exposições de arte. Pedro passou a gravar alguns filmes, transmitidos na televisão (por canais pagos), que considerava interessantes, para emprestá-los para o grupo. Passaram a interessar-se por exposições de artes plásticas e até mesmo a conversar com artistas a respeito das obras expostas.

Como os próprios estagiários lembraram-se, com a entrada na faculdade, acabaram abandonando livros de literatura, poemas e músicas, em função da exigente rotina universitária. Será que — se, desde o início do curso de psicologia, houvesse um incentivo, através de programas criados com tal finalidade, para que os alunos continuassem (ou comesassem) a desenvolver interesse e aprofundamento sobre música, literatura e artes visuais — esse quadro seria diferente?

Considero algumas das atividades desenvolvidas com os estagiários bastante inusitadas, porque foram incluídas pela primeira vez em um estágio que supervisionei e por não serem prática corrente no curso de psicologia da UFU. Uma

delas foi o incentivo a um maior contato com o cinema. Existe um evento mensal, na cidade de Uberlândia, chamado “Projeto Pré-Estréia”. Ali apresentam-se apenas filmes que, seja pela narrativa, seja pelo tema abordado, são diferentes daqueles exibidos no circuito comercial e fazem parte do chamado “cinema de arte”.

Outra atividade inédita foi a presença do artista plástico Henrique Lemes em uma das supervisões. Nascido em Uberlândia, estava desde 1994 na Alemanha e, encontrando-se no Brasil em 1999, gentilmente aceitou meu convite para falar a respeito de sua formação e de seu trabalho.

Em outubro, fizemos uma viagem a São Paulo. No Museu de Arte de São Paulo (MASP), vimos “Picasso, Anos de Guerra - 1937-1945”. Depois, fomos ao Banco Real ver a exposição “O Brasil e os Holandeses”; em seguida, à Galeria da FIESP, onde vimos “Entre, a obra está aberta”, de Amelia Toledo. Finalizando a viagem, no Parque da Luz vimos “Esculturas Monumentais Européias”. Aproveitamos para passar pela Estação Júlio Prestes e conhecer a Sala São Paulo que, infelizmente, estava fechada. A última exposição - “Mapa Cultural Paulista” - foi um panorama com obras de artistas de inúmeras cidades do Estado de São Paulo.

Algumas mudanças verificadas nos gestos, falas e comportamentos dos estagiários surgiram ao longo do ano, evidenciadas durante as supervisões. Lara citou uma teoria existente em psicologia social sobre mudanças ocorridas na percepção em função dos referenciais pessoais de cada um: “Eu estou desse jeito, parece que onde eu vejo tem arte: no jornal, na televisão, não é?”.

O estágio foi um importante exercício para os estagiários começarem a construir suas formas de subjetivação profissional<sup>4</sup> (FONTANA, 2000). Levando-os a pensar sobre as palavras, gestos e posturas diante das crianças, mães, professoras, diretora e outros funcionários da escola, foi possível mostrar-lhes, entre outros aspectos, que o psicólogo precisa ter clareza em relação ao que faz. Respalçado por uma abordagem teórica bem fundamentada, tem condições de orientar-se em sua prática.

No final do ano, Beatriz, Pedro, Ana e Lara queixaram-se do pouco tempo para fazer tudo o que desejariam e revelaram que, para eles, parecia que tudo deveria ter sido resolvido até aquele momento, de preferência com um final feliz. Frisei que deveriam ter clareza quanto ao fato de que todos haviam feito o melhor possível, dentro do tempo disponível.

Pedro, ao se referir ao estágio, disse que “abriu um leque..., de visão, de trabalho, de tudo, tudo!”. Ana falou que adorou fazer o estágio, aprendeu muito e trabalhou com algo de que gostava muito, que era a arte. Beatriz também gostou, aprendeu coisas não apenas relativas à psicologia escolar, mas à vida, e considerou muito bom começar “a pensar diferente do que é passado... pensar por mim mesma”.

4. A subjetivação profissional refere-se aos modos de apropriação e internalização das dimensões teóricas e práticas que vão sendo construídas pelo sujeito, referentes à sua profissão.

Lara falou que “O processo é muito mais lento, árduo e doloroso do que eu pensava”. Ficou emocionada com as pessoas que participaram dos encontros e sentiu que cresceu pessoal e profissionalmente. Estudar um pouco sobre arte, ouvir músicas e ver filmes, atividades às quais não tinha acesso antes, também fizeram-na crescer: “Passei a entender um pouco mais sobre as pessoas, o mundo e suas relações”.

Tanto Ana quanto Beatriz destacaram que o estágio poderia ajudá-las em qualquer outra área da psicologia e na vida, de maneira geral. Este é um ponto bastante importante para mim, pois mostra coerência com a minha posição quanto à formação do futuro psicólogo. A mediação do supervisor, ao incidir sobre aspectos básicos para a atuação profissional, como a preocupação com uma conduta pautada pela ética, esforço constante por um respaldo teórico consistente e cuidado com a formação pessoal, torna-se válida para o trabalho do psicólogo, independentemente da área da psicologia em que este vá atuar.

Ao apropriar-se das leituras, reflexões e vivências trazidas pelo estágio, desencadeadas pela mediação do supervisor, o aluno pode construir seu modo particular de atuação profissional. Para essa formação, os diversos percalços encontrados no trabalho em uma instituição, especialmente pública, apresentam rica oportunidade profissional para o estagiário; revelam os limites e as possibilidades concretas de atuação, ao exigir, também, flexibilidade e criatividade diante dos obstáculos.

### Considerações finais

A proposta desenvolvida na escola mostrou-se bastante promissora. Considerando-se o pouco tempo do estágio, as pequenas alterações observadas nas crianças, nas mães e nas professoras referendam a viabilidade de um trabalho em psicologia escolar baseado em atividades envolvendo música, artes visuais e literatura. Vejo a arte como importante veículo para que as crianças, professoras, pais e mães repensem o contexto educacional e sua realidade de “assujeitamento”, buscando construir ações emancipatórias. Concomitantemente, o impacto da arte na vida dos estagiários aponta um novo caminho em psicologia escolar, relacionado ao investimento na formação do psicólogo, que deve acontecer logo na entrada do estudante na universidade.

Refiro-me especificamente à formação do psicólogo escolar porque a pesquisa envolveu esta área da psicologia. Entretanto, acredito que as reflexões aqui apresentadas podem ser válidas para a formação do psicólogo, de maneira geral, independentemente do campo de atuação. Algumas posturas e questionamentos provocados pelo contato com a arte são fundamentais para esse profissional, como o enfrentamento e a abertura diante do novo e do diferente, a apreciação fundada no conhecimento efetivo do objeto, a criatividade despertada pelo contato com diversas obras, técnicas e materiais que não os usualmente vistos, lidos e ouvidos.

Percebo que, se, ao entrar na faculdade o aluno tem algum interesse por atividades relacionadas à arte, ao longo do curso vai deixando-as de lado, por não considerá-las importantes para a sua formação. Apenas alguns alunos continuam lendo poesia, vendo filmes (que fogem do padrão hollywoodiano), etc., o que deveria ser algo constante, presente durante os cinco anos da graduação. Somente dessa maneira é que se pode pensar em desenvolvimento pessoal e não apenas profissional.

Considerando que o contato com diversas formas de arte traz elementos que podem provocar impacto nos aspectos afetivos, cognitivos, estéticos, sociais e culturais, fundamentais para a formação do psicólogo, os cursos de psicologia poderiam encontrar formas efetivas de possibilitar aos alunos essa aproximação. Entretanto, assim como a psicologia isoladamente não é apanágio para todos os problemas humanos, também a arte necessita de parcerias com outras áreas do conhecimento para possibilitar uma maior compreensão do sujeito.

Acredito que um encontro entre a psicologia escolar e a arte, como o aqui apresentado, pode contribuir para trazer à vida do futuro profissional aspectos e questões que são próprios da condição humana, relacionados à estética, ao respeito à diferença, ao contato com o novo e as múltiplas discussões daí decorrentes. Vivendo as mudanças trazidas pelo contato com a arte, torna-se mais fácil para o estudante levar essas vivências para as suas atividades profissionais.

Esta pesquisa aponta a importância de se pensar na formação pessoal e profissional do psicólogo escolar desde o seu ingresso na universidade: é necessário o respaldo de um contato permanente com a arte e de uma visão crítica em relação às possibilidades geradas por uma psicologia enraizada na realidade histórico-cultural brasileira, mas com ramificações que busquem sempre o questionamento, a crítica e também a esperança de um mundo menos árido.

## Referências Bibliográficas

- ALBANO, Ana Angélica. O Sorriso Etrusco e a monitora que foi 'no antigamente'. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, agosto/setembro 2001, Folha Educação 14, p.3.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 205 p.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Saren. *Investigação qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994, 336 p.
- BRONOWSKI, Jacob. *Arte e conhecimento – Ver, imaginar, criar*. Tradução Artur Lopes Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 1983, 205 p.
- FONTANA, Roseli Aparecida Cação. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 204 p.

GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elizabeth Monteiro de Aguiar (org.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998, 335 p.

OLIVEIRA, Marta Kohl. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. *Cadernos CEDES* n. 35, p.9-14, 1995.

RABITTI, Giordana. *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*. Tradução Alba Olmi. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, 195 p.

RIBEIRO, Maria José; SILVA, Silvia Maria Cintra da; RIBEIRO, Eleonora Estela Toffoli. Avaliação qualitativa de crianças com queixas escolares: contribuições da psicologia educacional. *Interações*. v.3 n.5, p.75-92, jan/jun 1998.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256 p.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.) *Os professores e a sua formação*. Tradução Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José A. Sousa Tavares. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p.77-91.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. *Psicologia USP*. São Paulo, v.9, n.2, p.205-220, 1998.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. Esboço de uma perspectiva teórico-metodológica no estudo de processos de construção de conhecimento. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; SMOLKA, Ana Luíza Bustamante (Orgs.) *A significação nos espaços educacionais: Interação social e subjetivação*. Campinas, SP: Papirus, 1997, 179 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Psicologia pedagógica*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 561 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. 2. ed. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 168 p.

WERTSCH, James V. *Vygotsky e la formacion social de la mente*. Barcelona: Piados, 1988, 262 p.

ZEICHNER, Kenneth M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta Maria Grisólia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elizabeth Monteiro de Aguiar (Orgs.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998, 335 p.